

URBANISMO E CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: A AGRICULTURA COMO INSTRUMENTO PROMOTOR DE QUALIDADE DE VIDA NOS CENTROS URBANIZADOS

LINEKER FERREIRA FRANCO¹; ANDRÉ DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – francolineker@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O reconhecimento das intensas transformações urbanas como coautoras no reforço às desigualdades e a degradação cíclica do meio ambiente necessita ser pautado. Neste sentido, há uma diversidade de fatores ligados aos aspectos expansivos da ação humana, a qual ocorre de modo desproporcional ao emprego de medidas que mantenham o equilíbrio das relações socioambientais.

Segundo a ONU, em relatório publicado em julho de 2022, em novembro do mesmo ano a população mundial atingiria a marca de 8 bilhões de pessoas, estimativa a qual foi alcançada. Ainda, em 2050, tal número deve atingir a marca de 9,7 bilhões, e em 2080 a população mundial deve atingir 10,4 bilhões de habitantes. Juntamente, se espera também que a longevidade global chegue a uma média de expectativa de vida de 77,2 anos até 2050. Porém, se ressalta que em 2021 tal média nos países em desenvolvimento ficou 7 pontos abaixo da média mundial.

As abordagens mais recentes sobre população e ambiente têm incorporado novos aspectos, buscando refletir sobre as relações entre as transformações demográficas (envelhecimento populacional, estrutura etária e distribuição espacial) e questões como qualidade e disponibilidade de água, geração de lixo, biodiversidade, paisagem, desastres naturais, entre outras (RCEP, 2011, apud MELLO *et al*, 2015, p. 360).

Com o crescimento populacional, crescem também os centros urbanos, os quais expandem suas construções em um processo de urbanização desordenado ao mesmo tempo em que este também gera redução das massas verdes naturais (STREGLIO; FERREIRA; OLIVEIRA, 2013). Neste contexto, torna-se importante ressaltar também a responsabilidade atribuída a prática de agricultura não sustentável, onde a exploração e o esgotamento dos recursos naturais aliados ao uso de substâncias tóxicas interferem diretamente nos índices de qualidade de vida (DOBSON, 1994; MARTELL, 1994, p. 225 apud Mattos *et al.*, 2012, p. 02). Ademais, gera-se um grande questionamento sobre as projeções para a vida futura onde a exaustão ambiental e a falta de recursos se tornam iminentes.

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), em um relatório emitido em junho de 2021 explana a necessidade de um movimento restaurador de, pelo menos, um bilhão de hectares para preservação de ecossistemas na próxima década. Também destaca que está sendo utilizado 1,6 vezes a capacidade dos recursos que podem ser ofertados de maneira ainda sustentável, assim culminando no carecimento de ações não só conservatórias, mas que também atuem diretamente na mitigação dos efeitos resultantes da destruição da biodiversidade.

Espaço urbano e meio ambiente estão diretamente relacionados e demandam um equilíbrio estável para que coexistam de maneira mútua. Nesse

sentido, se torna intrínseca a demanda de que a morfologia urbana, bem como as relações socioambientais, e sustentabilidade estejam interligadas. A importância da associação dessa morfologia e aspectos ambientais pode ser discutida de modo a averiguar a relação da cidade com o ambiente através dos conceitos de compactação e fragmentação urbana, por exemplo. Isto somando as resultantes oriundas dos inúmeros processos transformadores de expansão e renovação pelos quais as zonas urbanizadas sucedem continuamente (POLIDORI; KRAFTA; 2003)

Deste modo, torna-se importante a discussão de incorporação de zonas produtivas e áreas verdes dentro do espectro urbano e zonas periurbanas como alternativa frente a necessidade de redução dos impactos socioambientais e mitigação frente a falta de recursos, sobretudo para a população mais desassistida.

O conceito de Agricultura Urbana, para além da produção alimentícia e consequentemente a promoção de segurança alimentar, é capaz de agir em resposta a uma série de problemáticas geradas nas cidades, como a ocupação de espaços ociosos e utilização racional dos mesmos, criação de microclimas, educação ambiental, geração de renda, desenvolvimento local e desenvolvimento humano, por exemplo. Esta temática, ao estar fortemente atrelada ao abastecimento de recursos e a preservação ambiental, se torna essencial, sobretudo, ao atuar no alinhamento entre a redução da hostilidade urbana e no resgate de aspectos essenciais para a vida.

Perante a isso, este estudo visa investigar de que forma a arquitetura e os conceitos urbanos, ambos como partes indispensáveis no estudo e formação do espaço, se relacionam e podem viabilizar a prática agrícola sustentável urbana, a fim de restabelecer a valorização e qualificação do bem-estar nas cidades.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi elaborado a partir da identificação da problemática existente sobre a capacidade de oferta de qualidade de vida nos centros urbanos, sobretudo refletindo acerca da população mais atingida pela ausência da mesma, e para isso relacionando o impacto causado pelo intenso fenômeno da urbanização e as estimativas de transformações socioambientais.

De modo a embasar os processos fragilizadores da vida humana elencados, realizou-se uma revisão bibliográfica a respeito das inquietações atribuídas a atividade de urbanização e de conformação das cidades, a qual, associada ao intenso fomento das relações pautadas no giro de capital, ao longo dos séculos, desempenhou um intenso papel na potencialização da segregação socioespacial e na constante degradação ambiental. Para além das questões urbanísticas, evidenciou-se também a necessidade de análise de dados referentes às projeções demográficas e ambientais, as quais estipularam panoramas a respeito da necessidade de ações imediatas para mitigar adversidades futuras quanto ao mantimento de um bem estar social e ambiental universais, além da carência de expandir a disponibilidade de recursos em paralelo ao crescimento populacional.

Seguidamente, a fim de compreender alternativas capazes de atuar em resposta à constante degradação socioambiental constatada, objetivou-se a análise da prática da agricultura urbana e seus conceitos ordenadores conforme bibliografia, também observando posteriormente resultados apresentados conforme estudos de caso nacionais em diferentes localidades onde houve

aplicação e incentivo da prática junto a comunidades em situação de vulnerabilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os instrumentos urbanísticos dispõem da capacidade de elencar dentro do meio urbano preceitos e diretrizes que proporcionem ao máximo a sua comunidade a oferta de bem-estar físico e social nos mais diferentes âmbitos.

O conceito de Agricultura Urbana aplicada no contexto em que nos encontramos oferece meios para que possamos obter subterfúgio em eixo as adversidades que fragmentam as relações em todas as partes, sobretudo no suprimento de quem se encontra em maior vulnerabilidade diante das intempéries físicas e sociopolíticas, mas também como ação para mitigar a intensa degradação ambiental. Barcellos (2020) ressalta que a alimentação está emergindo em variadas abordagens políticas, nisto englobando o progresso econômico, o mercado de trabalho, o meio ambiente e as mudanças climáticas, a saúde, a inclusão social e a gestão dos resíduos de uma maneira integrada. Assim, a aplicabilidade desta prática, necessita de um olhar atento para as inúmeras projeções, dados e estimativas que nos alertam diariamente sobretudo estes nichos.

Há uma necessidade urgente de transformação dos sistemas alimentares por meio de plataformas multissetoriais em vários níveis, que levem em conta a diversidade e a complexidade dos problemas, e soluções que possibilitem acessibilidade, disponibilidade em todos os momentos e qualidade nutricional dos alimentos que consumimos (HADDAD *et al.*, 2020 apud RODRIGUEZ, 2020).

A difusão da aplicabilidade das práticas aqui elencadas culminam em uma maior contribuição para com os fatores de manejo das relações pré estabelecidas juntamente a urbanística das cidades. Um planejamento elucidado em práticas sustentáveis e de cunho a reforçar a coerência na urbanidade só será possível ao resgatar os princípios cabíveis da essencialidade da própria ciência.

É evidente o grande número de problemáticas atreladas entre si dentro da teia populacional em que vivemos, porém para que haja chance do estabelecimento de uma coesão nestes espaços, demandamos de uma transformação comportamental e fortalecimento do senso de unidade. O poder público também deve atuar estritamente em conjunto as disciplinas conformadoras de conhecimento, além de agir com veemência diante dos agentes avassaladores, como a desigualdade social, a carência de fatores inerentes à vida humana e a destruição da biodiversidade.

4. CONCLUSÕES

Modificar os espaços humanizados é apenas uma das pré mediações para que consigamos redirecionar milênios de avanço em conhecimento e de fomentos das relações sociais e também ambientais. O pressuposto “desenvolvimento” que vem sendo implementado arduamente está sendo responsável por fragilizar uma sociedade não só no âmago da sua própria existência, como também extingue e deteriora os princípios e meios pelos quais chegamos até aqui e dos quais dependemos para seguir existindo.

Apesar de ser inegável que as transformações das quais necessitamos ocorrem em um ritmo desacelerado até o cobrimento de uma escala maior, é subitamente essencial que nos preocupemos com imediatez em requalificar ao menos os espaços ao nosso redor. As relações humanas e o meio urbano estão ligados diretamente, assim como o desenrolar desta ligação infringe abrupta e rigorosamente no meio natural, o qual por conseguinte nos responde, assim estabelecendo uma relação em cadeia. Nosso comportamento no cotidiano se torna responsável pelos impactos dos quais já enfrentamos as consequências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRCH, Sharon. HOVY, Bela. **População mundial chegará a 8 bilhões em novembro de 2022**. Nações Unidas: Brasil. Brasília, 11 jul. 2022. Online. Acessado em 15. nov. 2022. Disponível em [https://brasil.un.org/pt-br/189756-populacao-mundial-chegara-8-bilhoes-em-novembro-de-2022]

MELLO, Leonardo Freire de. SATHLER, Douglas. **A demografia ambiental e a emergência dos estudos sobre população e consumo**. Revista Brasileira de Estudos de População. v. 32, n. 02, p. 360, 2015.

STREGLIO, Carolina Ferreira da Costa. FERREIRA, Diego Tarley. OLIVEIRA, Ivanilton José de. **O processo de expansão urbana e seus reflexos na redução da cobertura vegetal no município de Goiânia – GO**. RA'EGA, Departamento de Geografia - UFPR, Curitiba, v. 28, p. 181-197, 2013.

DE DEUS, Rafael Mattos. BOKONYI, Sonia. **O Impacto da Agricultura sobre o Meio Ambiente**. REGET - UFSM, Santa Maria, v. 7, n. 7, p. 1306-1315, 2015.

UNEP. **ONU pede intensa restauração da natureza para enfrentar as crises de clima e biodiversidade**. UN - Environment Programme Nairóbi, Roma. 03 de junho de 2021. Acessado em 15. nov. 2022. Disponível em: https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/onu-pede-intensa-restauracao-da-natureza-para

RODRIGUEZ, Alexandra. **How Quito's urban and peri-urban gardens contribute to the COVID-19 response**. RUAF. Acessado em 20. nov. 2022. Online. Disponível em https://ruaf.org/news/how-quito-urban-and-peri-urban-gardens-contribute-to-the-covid-19-response/? utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br

BARCELLOS, M. As contribuições da agricultura e da alimentação para a agenda 2030. In: PREISS, A. SCHENEIDER, S. **Sistemas Alimentares no Século XXI: Debates Contemporâneos**. Porto Alegre: UFRGS, 2020, Cap. 2, p.149-176.

POLIDORI, Maurício. KRAFTA, Romulo. **Crescimento Urbano – Fragmentação e Sustentabilidade**. LABURB – UFPEL. 2003. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/laburb/files/2016/03/23-POLIDORI-KRAFTA-Crescimento-Urbano_Fragmentacao-e-Sustentabilidade_ANPUR_2003.pdf